

ENTREVISTA | FRANCIS VOGNER DOS REIS

CINEASTA E COORDENADOR DA CURADORIA DA MOSTRA DE TIRADENTES

‘Cada experiência precisa ter o direito de surpreender ou decepcionar’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Egresso do Grande ABC metalúrgico lá de São Paulo, Francis Vogner dos Reis viu o titã Carlos Reichenbach (1945-2012) filmar no seu bairro. Era “Garotas do ABC”, um cult mundialmente aclamado. Sem esquecer desse alumbramento, ele saiu de lá e firmou seu nome em diferentes geografias. O Festival de Locarno, na Suíça, foi uma delas: por lá passou, em competição, um filme que marcou sua estreia na direção, “Máquina Infernal” (2021), no qual mesclava fantasia a resquícios da vida operária. Já em Minas Gerais, Francis fez da Mostra de Tiradentes um veio para escoar inquietudes em relação à elasticidade de conceitos que, enrijecidos sob módulos teóricos de outrora, represam a força da imagem. Ele aposta em jorros e o faz em Tiradentes, que inaugura o ciclo anual dos festivais de cinema do Brasil, sempre em janeiro. Nesta sexta, começa a 29ª edição do evento, com tributo à atriz Karine Teles e projeção de “O Fantasma da Ópera”, nova joia do arquiteto da invenção Julio Bressane, rodado em duo com Rodrigo Lima.

No papo a seguir, Vogner desafia o mesianismo associado ao termo “curador”. Cabe a ele o exercício de ser coordenador de uma curadoria composta por Juliano Gomes e Juliana Costa (nos longas-metragens); Camila Vieira, Leonardo Amaral, Lorennna Rocha, Mariana Queen e Rubens Anzolin (nos curtas-metragens); com assistências de Barbara Bello (longas) e João Rego (curtas). A menina dos olhos da Mostra costuma ser a seção competitiva Aurora (que Francis herdou do crítico Cleber Eduardo, um pensador do audiovisual responsável por uma revolução na maratona mineira e na maneira de se selecionar filmes para festivais). Compõem a Aurora de 2026 “Vulgo Jenny” (Viviane Goulart, GO); “Sabes de Mim, Agora Esqueça” (Denise Vieira, DF); “Politiktok” (Álvaro Andrade, BA); “A Voz da Virgem” (Pedro Almeida, RJ); “Para os Guardados” (desali e Rafael Rocha, MG) e “Obeso Mórvido” (Diego Bauer, AM).

Nesta conversa, Francis fala da temática de Tiradentes, “Soberania Imaginativa”, e de liberdade.



Francis Vogner dos Reis, programador que cuida da coordenação de curadoria da Mostra de Tiradentes (MG)

De que maneira o coletivo de 137 filmes desta edição da Mostra colore a ideia de Soberania Imaginativa, costurando um novo (ou, no mínimo, alternativo) mapa de invenção (e/ou de resistência) em nosso cinema?

Francis Vogner dos Reis - A nossa orientação em Tiradentes é a busca por conformar em cada programação uma ampla diversidade imaginativa com a extensão e multiplicidade que um país continental como o Brasil pode ter. Disputamos o termo-valor “diversidade”. No nosso caso, divergimos de uma concepção de diversidade limitada e restrita à “algoritimização” dos produtos audiovisuais como se fossem estas experiências seguras expostas em baías para o consumo a gosto do freguês (risco zero:

receberá pelo que pagou) que rebaixa a sensibilidade ao médio, ao palatável, à fruição sem um desafio para um espectador ou espectadora que podem ser sempre ativos no pensamento e no coração durante a projeção de um filme; também não nos faz sentido uma diversidade de temas e de sujeitos no audiovisual restritos, limitados e rebaixados às formas (formatos, na verdade) e modos de trabalho criativo identificados com o regime estético hegemônico. E quando falamos em estética não perdemos de vista sua dimensão política, no sentido que uma obra é capaz de fazer ver, sentir e ouvir as coisas de um modo novo, de tornar visível aquilo que somos condicionados a não ver, não perceber e não estranhar. Em resumo: filmes que nos pedem com mais ou menos intensidade a suspensão de expectativas e acreditam na aventura

da percepção. Cada experiência precisa ter o direito de surpreender ou decepcionar. Não nos interessa fazer, num festival, o trabalho de eleger bons ou maus filmes. A nós interessa que esses filmes, muitas vezes instáveis, desloquem-nos, provoquem-nos a sair de nosso cadre narcisista que só busca a mera identificação – ainda que essa identificação seja nobre, moral ou confortável intelectualmente.

Como isso se dá em relação à tradição?

Se num passado nem tão distante os filmes desafiadores eram muito facilmente identificados com o que se chamou, em outras épocas, de cinema experimental, hoje, talvez, qualquer filme que rompa o pacto de uma cognitividade normativa parece inclassificável. A gente se interessa por isso. A so-

Leo Lara/Divulgação